

Aprendizagem Transformativa em Museus – A sua Natureza e Possibilidades

Isabel Margarida Melo

University of Leicester

Resumo. Os museus têm sido descritos como locais capazes de proporcionar experiências transformadoras. Neste trabalho procurarei abordar a natureza da aprendizagem transformativa em museus, examinando este conceito à luz de um debate educativo mais alargado. O conceito de aprendizagem transformativa surge, pela primeira vez, num artigo de Frank Mezirow, publicado em 1978, na revista *Adult Education Quarterly*. Nesse artigo, o termo ‘perspective transformation’ – ou ‘transformação da perspectiva’ – procura descrever um significado não convencional de aprendizagem. Um tipo de aprendizagem que, segundo o autor, os adultos estavam especialmente predispostos a experienciar.

Palabras clave. Museos, Aprendizaje transformativo, Audicencias Adultas.

Abstract. *Museums have been described as transformative spaces, capable of fostering life-changing experiences. In this paper I will address the nature of transformative learning in museums examining the concept of ‘transformative learning’ within the broader educational debate.*

*The concept of ‘transformative learning’ first appeared in a 1978’ essay that Frank Mezirow published in the journal *Adult Education Quarterly*. At that time, he used the term ‘perspective transformation’ (Mezirow 1978), wishing to convey a non-traditional meaning for learning. A type of learning that, as he stated, adults are specially bound to embrace. Can museums trigger this kind of learning? I believe they can. But, what does it take for transformative learning experiences to succeed in the museum environment?*

Key words. *Museums; Transformative Learning; Adult Audiences*

Fundamentação.

O presente texto é fruto do trabalho de fundamentação teórica que tenho vindo a desenvolver no âmbito da tese de doutoramento, que irei apresentar no Departamento de Museum Studies, da Universidade de Leicester.

É, antes de mais, um enquadramento teórico da possível especificidade da aprendizagem em museus, nomeadamente da aprendizagem dos visitantes/participantes adultos, à luz do pensamento de alguns dos teóricos da educação e aprendizagem.

A necessidade de aprofundar o meu conhecimento acerca do corpus teórico do pensamento educativo contemporâneo vai ao encontro do diagnóstico apresentado pelas académicas Robin Grenier e Dana Dudzinska-Przesmitzki, no qual se salienta o facto de a 'literatura existente sobre aprendizagem de adultos em museus sofrer gravemente à conta de investigação que não tem embasamento teórico, nem é criadora de teoria'. (Dudzinska-Przesmitzki & Grenier, 2008: 9 – Nossa tradução)

Para ultrapassar esta dificuldade, as investigadoras sugerem aquilo a que deram o nome de 'polinização-cruzada', entre a literatura relativa à educação museal e a relativa à aprendizagem e educação de adultos; tendo em vista uma melhor aplicação dos conhecimentos no fértil terreno museal, bem como a construção de novas possibilidades teóricas. (Dudzinska-Przesmitzki & Grenier, 2008: 19)

Assim, nesta breve reflexão, pretendemos enunciar a natureza da Aprendizagem Transformativa, enquanto eixo estruturante da educação de adultos. Relacionando-a com o contexto específico dos museus e da aprendizagem em museus.

Aprendizagem Transformativa – Génese do conceito.

Transformar – Verbo transitivo. Significa 'dar nova forma a'. Tem por sinónimos os termos converter, mudar, transfigurar.

Os museus têm sido descritos como entidades capazes de operar esta alquimia. Como lugares onde, perante o belo, o único, o pungente, o espírito humano se transforma. Ou pode transformar.

Contudo, à luz de uma análise conceptual, de que falamos quando falamos de aprendizagem transformativa?

O conceito de aprendizagem transformativa surge, pela primeira vez, num artigo de Frank Mezirow, publicado em 1978, na revista *Adult Education Quarterly*. Nesse artigo, o termo ‘perspective transformation’ – ou ‘transformação da perspectiva’ – procura descrever um significado não convencional de aprendizagem. Um tipo de aprendizagem que, segundo o autor, os adultos estavam especialmente predispostos a experienciar.

Nas sua palavras, a transformação da perspectiva ocorre quando:

Uma perspectiva de significado já não pode, facilmente, lidar com as anomalias despoletadas por uma nova situação. (...) Pelo que, acrescentar conhecimento, capacidades, ou aumentar as competências dentro da perspectiva actual deixa de ser funcional; a integração criativa da nova experiência no actual enquadramento de referências já não consegue resolver o conflito. O sujeito não só é obrigado a reagir perante as sua reacções, como a fazê-lo criticamente. (Mezirow, 1978: 104 – Nossa tradução)

Segundo Frank Mezirow, as nossas perspectivas de significado são estruturas de pensamento e emoção, culturalmente definidas, de que fazemos uso no nosso processo de aprendizagem. No entanto, para Mezirow, para que possamos tornarmo-nos adultos temos de desafiar as nossas perspectivas, as nossas estruturas de significado, libertando-nos de uma ‘relação orgânica e acrítica’ com o que nos rodeia, e adoptando um ‘relacionamento consciente e contratual com indivíduos, instituições ou ideologias’. (Mezirow, 1978: 108).

A sua teoria foi bastante influenciada pelo movimento de consciência crítica que tivera início no final da década de 60’, na Europa e nos Estados Unidos, e que conhecia o seu apogeu no contexto sociológico da década seguinte. Nos movimentos feministas, no movimento pacifista, no chamado ‘Black movement’; num momento em que as margens, de uma sociedade tradicional que resistia à transformação, foram desafiadas a tornarem-se criticamente conscientes dos papéis que desempenhavam e das tarefas que cumpriam, dentro de uma ordem social cristalizada. (Mezirow, 1978: 101). Não é assim de surpreender que Frank Mezirow cite Paulo Freire (1968) e a sua teoria de ‘conscientização’, como exemplo das possibilidades oferecidas pela aprendizagem transformativa.

Na sua mais recente reapreciação do conceito de aprendizagem transformativa, Mezirow descreve-a como:

O processo através do qual transformamos enquadramentos de referência problemáticos (esquemas e hábitos mentais, perspectivas de significado) –

conjuntos de assumpção e expectativa – de modo a torná-los mais inclusivos, críticos, abertos, reflexivos e emocionalmente capazes de mudança. (...) a aprendizagem transformativa é uma dimensão adulta da análise cognitiva, que envolve a validação e reformulação das estruturas de significado. (Mezirow, 2009: 92-93)

Porém, enquanto adultos, não estamos permanentemente a vivenciar aprendizagens transformativas. De acordo com o autor, este tipo de aprendizagem pode ser despoletada tanto por um momento de crise nas nossas vidas, ou, cumulativamente, na sequência de várias percepções que desafiam e perturbam as nossas perspectivas de significado. Como consequência, o individuo dá início a um processo dialéctico de comunicação, de modo a estabelecer novos e reflexivos juízos sobre o mundo. (Mezirow 2009: 94).

Em Jack Mezirow encontramos uma versão marcadamente cognitivista do conceito de ‘aprendizagem transformativa’, que está no cerne das experiências de aprendizagem dos indivíduos adultos, e cujo principal resultado é a abertura ao outro e a ‘integração das distintas dimensões das suas experiências, relacionando-as de um modo significativo e complexo.’ (Dirkx, 1998: 2)

Outros contributos

Segundo o especialista em educação de adultos, John Dirkx, podemos identificar outros contributos significativos para a compreensão e articulação do conceito de aprendizagem transformativa.

Para este autor, a aprendizagem transformativa ‘emergiu dentro do campo da educação de adultos como uma imagem poderosa para compreendermos o modo como os adultos aprendem. No entanto, o que a aprendizagem transformativa significa, e o modo como ela pode ser trabalhada nos vários contextos de aprendizagem, pode variar consideravelmente.’ (Dirkx, 1998: 1 – Nossa tradução) Como dizíamos anteriormente, Dirkx identifica vários contributos fundamentais para a fundamentação da aprendizagem transformativa, enquanto moldura conceptual capaz de compreender o modo como os adultos aprendem. Assim, para além de Jack Mezirow, cujo pensamento procurámos sintetizar ainda há pouco, o pedagogo Paulo Freire surge como uma figura incontornável para a operacionalização do conceito de aprendizagem transformativa.

Paulo Freire

O trabalho pioneiro de Paulo Freire com adultos analfabetos, económica e socialmente excluídos, foi de extrema importância para o desenvolvimento de uma perspectiva crítica dentro da teorização da Educação de Adultos.

A ‘conscientização’ proposta por Freire apela a uma tomada de consciência, individual e, simultaneamente, colectiva, dos grilhões culturais e cognitivos resultantes do analfabetismo, bem como da necessidade de promover uma praxis emancipatória, através da análise, questionamento e consequente acção, nos diferentes contextos em que o indivíduo se move.

Nas palavras de John Dirkx, o legado Freiriano oferece uma ‘dimensão emancipatória e libertadora, tanto na esfera pessoal, como na social. Ele oferece-nos uma voz, dá-nos a capacidade de nomear o mundo e, ao fazê-lo, construirmos a nossa própria mundividência’. (Dirkx, 1998: 2 – Nossa tradução) Transformação individual que, como um dominó em movimento, encontra expressão na superação dos constrangimentos opressivos graças, à tomada de consciência.

O pensamento de outros teóricos da educação, como Larry Daloz, cuja investigação se centra especificamente em cenários de educação formal, nomeadamente no estudo de adultos que regressam ao Ensino Superior, ou como Robert Boyd, para quem as dimensões emocional e espiritual da criação de sentido, através da aprendizagem, não podem estar ausentes da teorização da aprendizagem transformativa; este contributos, dizíamos, trazem-nos novas camadas de complexidade ao conceito que investigamos, dando-lhe consistência e reflexividade. Ou, como afirmava Gilles Deleuze, permitem-nos ‘penetrar na espessura colorida de um problema.’ (Deleuze, 2000: 277)

Museus e Transformação – uma relação anunciada

Como afirmámos no início desta comunicação, os museus e as experiências que eles podem proporcionar são muitas vezes descritos como transformativos, como operadores de mudança. A filósofa americana, Hilde Hein, que dedicou parte relevante da sua obra à análise das experiências museais e ao papel dos museus na sociedade contemporânea, no seu livro *Museums in Transition*, dá-nos conta daquilo que podemos considerar as suas experiências transformativas dentro das paredes dos museus que visita: Invariavelmente, as minhas visitas a museus, catapultam-me, em pensamento, para outros e novos mundos, para modos alternativos de pensar e sentir. Talvez seja para isso que os museus servem. Como a filosofia, eles são avenidas que nos conduzem para fora de nós próprios. (Hein, 2000: viii – Nossa tradução)

Facilmente aceitamos que visitar um museu possa ser uma experiência transformadora, a partir da qual desenvolvemos novas atitudes, interesses e, até, valores. Mas, quais as evidências de que, através das suas coleções e programação, a experiência museal opera, de facto, mudanças significativas nos seus visitantes? Esta é uma questão central a que a museóloga Barbara Soren tem procurado responder.

Nas suas palavras:

Se a intenção de artistas e cientistas é a da transformação através de imagens, de exposições e diálogos, haverá evidências de mudanças fundamentais nos visitantes, quando estes experienciam objectos e ideias, nos museus? Se existe qualquer tipo de ‘transformação’ ela acontece no museu, ou depois da visita? E, precisa essa mudança de ser transformativa para ser mudança? (Soren, 2009: 234 – Nossa tradução)

Simultaneamente, Barbara Soren interroga-se se uma visita de algumas horas, percorrendo as salas de um museu, pode ter o mesmo potencial transformativo que um programa de vários dias, levado a cabo pelo museu, em torno de uma temática específica e trabalhando com um determinado grupo-alvo?

Na realidade, apesar de se dedicar há vários anos a estas questões, a autora não arrisca uma resposta definitiva para estas perguntas. No entanto, a sua investigação permitiu-lhe identificar diversos estímulos que, se trabalhados com sucesso, podem desencadear aprendizagens transformativas.

Estímulos

O autêntico/ O único / O sublime – A imersão na narrativa pode ser alcançada fazendo uso das características inerentes ao objecto. A interacção com testemunhos materiais autênticos e irrepetíveis pode ser um estímulo importante, acrescentando historicidade e valor à experiência museal. O testemunhal / O emocional / O traumático – Vivenciar relatos na primeira pessoa acrescenta à experiência museal uma dimensão humana, verdadeiramente transformadora. O que temos perante nós não são estatísticas, nem conceitos vagamente abstractos, porque retirados da sua dimensão humana, mas o relato emocional de gente de ‘carne e osso’. De gente como nós. O cultural /o experiencial – Através de experiências multi-sensoriais, que vão ao encontro da nossa capacidade de aprender com o corpo (embodiment learning) e que nos situam, de um modo consciente, no aqui e no agora (emplacement), podemos ficar mais receptivos a dados culturais que nos são estranhos, dando início a um processo de negociação de novos significados.

Em jeito de conclusão:

Os adultos aprendem activamente; eles aprendem aquilo que se relaciona com os seus contextos pessoal e social. Como adultos, a aprendizagem permite-nos embarcar num processo de actualização da nossa identidade, enquanto seres únicos e irrepetíveis. Pelo que, as experiências de aprendizagem vividas em ambientes, simultaneamente, seguros e estimulantes oferecem-nos ‘envolvimentos profundos connosco e com o mundo’. (Dirkx, 1998: 5) Através dessa ligação ao outro, à comunidade, a aprendizagem transformativa conduz-nos a um sentido mais profundo da nossa individualidade. Abrindo caminho à nossa reinvenção, como gesto criador e emancipado. É neste enquadramento reflexivo que o museu contemporâneo, ou usando o conceito de Hopper-Greenhill, o post-museu pode, e em nossa opinião deve, facilitar os processos de aprendizagem transformativa dos seus adultos. Através da polifonia narrativa, através de diálogos interculturais, através de qualquer outra estratégia que permita a reflexão crítica, em detrimento de assumpções social e culturalmente preconceituosas. É no encontro entre o museu e os seus variadíssimos participantes que a transformação pode acontecer. E, como afirma Fernando Hernández, o museu e os seus educadores têm como primeiríssima missão a criação de ‘circunstâncias para esse encontro’, para o reconhecimento do outro. Num momento de crise profunda, num momento em que, perante os dramas e dilemas da sociedade contemporânea, os museus correm o risco da irrelevância (Janes, 2009), ser capaz de ver o mundo pelos olhos do outro, dimensão essencial da aprendizagem transformativa, pode muito bem ser um lampejo de esperança.

Referencias Bibliográficas.

Deleuze, Gilles (2000), *Diferença e Repetição*, Lisboa: Relógio d'Água

Dirkx, Jonh M. (1998). 'Transformative Learning Theory in the Practice of Adult Education: An overview', in *Journal of Lifelong Learning*, vol. 7: 1-14

<http://www.iup.edu/assets/0/347/349/4951/4977/10251/AF0EAB12-C2CE-4D2C-B1A0-59B795415437.pdf> (accessed on September, 2011)

Dudzinska-Przesmitzki, Dana and Grenier, Robin (2008). 'Nonformal and Informal Adult Learning in Museums – A Literature Review', in *Journal of Museum Education*, Vol. 33, Nº 1, Spring, pp: 9-22,

<http://lcoastpress.metapress.com/content/d700172245170332/fulltext.pdf>
(accessed on November, 9 2008)

Freire, Paulo (1968/2005). *Pedagogia do Oprimido*, Paz e Terra: São Paulo

Hein, Hilde S. (2000). *The Museum in Transition – A philosophical perspective*, Washington & London: Smithsonian Institution Press

Hernández, Fernando (2011), 'Transitar entre el museo existente y el museo (im)posible en tiempos de espectadores emancipados.' Palestra proferida na conferência Em Nome das Artes, em Nome dos Públicos, Culturgest, Lisboa 13-15 Dezembro 2011

Janes, Robert R. (2009). *Museums in a Troubled world – Renewal, Irrelevance or Collapse?* Oxon & New York: Routledge

Mezirow, Jack (2009). 'An overview on transformative learning' in Illeris, Knud (ed) (2009) *Contemporary Theories of Learning – Learning theorists in their own words* Oxon & New York: Routledge, pp: 90-105

Mezirow, Jack (1978). 'Perspective transformation' in *Adult Education Quarterly*, Volume XXVIII; Nº 2, Sage, pp: 100-110

<http://aeq.sage.pub.com/cgi/content/abstract/28727100>
(accessed on March 10, 2010)

Soren, Barbara J. (2009). 'Museum Experiences that change visitors' in *Museum Management and Curatorship*, vol. 24(3). Oxon & New York: Routledge, pp: 233-251